

**POR UMA LEITURA ONTO-
HISTÓRICA DO
COTIDIANO:
CONTRIBUIÇÕES INICIAIS**

**FOR AN ONTO-HISTORICAL
ANALYSIS OF THE QUOTIDIAN:
INITIAL CONTRIBUTIONS**

Derivaldo Santos

Universidade Estadual do Ceará

derivaldo.santos@uece.br

Ruth Maria de Paula Gonçalves

Universidade Estadual do Ceará

ruthm@secrel.com.br

Adéle Cristina Braga Araújo

Universidade Estadual do Ceará

adele.araujo@uece.br

Wladianne Lima Temóteo

Universidade Estadual do Ceará

wladiannelt@gmail.com

Resumo:

Propomo-nos a discutir a categoria do cotidiano, pelo menos em suas linhas mestras, optando por visitar esse conceito nos escritos de Lukács, principalmente em sua última obra escrita, acabada, revisada e publicada em vida: *Estética I: La peculiaridad de lo estético*. Observa-se a escassez de estudos filosóficos acerca da teoria do cotidiano e que, nos dias atuais, tais formulações perspectivadas na crista hegemônica, de modo geral, com raras exceções, são pesquisas que supervalorizam o cotidiano a partir de uma análise distante de uma concepção ontológica. Apoiados em uma base onto-histórica, nossas considerações vão ao encontro da compreensão de que qualquer nível de atividade humana deve pressupor o trabalho como categoria fundante. Desse modo, reconhecemos o adequado tratamento à categoria cotidiano, entendendo, nesse sentido, a vida cotidiana como começo e fim de toda atividade humana. Com efeito, o cotidiano consiste no plano mais imediato das objetivações humanas, mas a partir do qual se alargam atividades mais complexas, a exemplo da ciência e da arte etc., que ultrapassam a esfera do imediato, possibilitando ao conjunto da humanidade um desenvolvimento cada vez maior do homem enquanto ser genérico. Diante do exposto e da concretude do real em movimento, asseveramos que a cotidianidade exige a realização de objetivações cada vez mais complexas, a fim de que a sociedade possa se reproduzir.

Palavras-chave: Cotidiano. Trabalho. Ontologia.

Abstract:

Our purpose is to discuss the category quotidian, at list in its main aspects, opting for visiting this concept at Lukács' writings, especially in his last written work that have been finished, revised and published in life: *Estética I: La peculiaridad de lo estético*. It is observed a shortage of philosophical studies about the quotidian theory. Nowadays, these formulations which are aimed at hegemonic crest, in general, with rare exceptions, are researches that overvalue the quotidian since an analysis which is distant from an ontological conception. Founding our studies on an onto-historical basis, our considerations allow the comprehension that any level of human activity should presuppose labor as the fundamental category. This way, we recognize the correct treatment that should receive the category quotidian, understanding, in this sense, the quotidian life as the beginning and the end of the whole human activity. Indeed, quotidian consists of the most immediate level of the human objectivations, but it is also since the quotidian that the more complex activities such as science, art etc. are able to expand themselves, surpassing the immediate sphere, making possible to the humankind an each time bigger developing of the man as generic being. In the face of what was exposed and of the concreteness of the real on movement, we assert that the quotidianity requires the accomplishment of each time more complex objectivations in order to the reproduction of the society itself.

Keywords: Quotidian. Labor. Ontology.

Introdução

Desde o final da década de 1960, ou início da posterior, a sociedade passou a sofrer vários problemas em seu movimento de reprodução o que culminou em uma crise no sistema capitalista sem precedentes na história humana¹. Diante disso, o processo educativo, de forma jamais vista, é chamado a dar resposta a tal problemática, sendo uma das apostas eleitas pelos discursos das políticas públicas educacionais, estrangeiras ou locais, a chamada “ressignificação” das concepções pedagógicas. Entre as modificações pretendidas, a defesa de que a escola deve absorver as demandas do cotidiano dos estudantes ocupa lugar de destaque, pautada na justificativa da educação sistematizada considerar acriticamente o que o aprendiz traz de sua cotidianidade.

Com efeito, o cotidiano, a partir dessas premissas, entra na escola com a função de favorecer a solução dos problemas referentes a aprendizagem no que concerne às atividades constantes do planejamento pedagógico e/ou que constituem a rotina, o dia a dia escolar, entre outras questões que afetam o campo educacional. Tais análises, no entanto, não perseguem o horizonte onto-histórico de apreensão do real, fossilizando, desse modo, o papel da escola como mediadora entre a vida cotidiana e não cotidiana.

Observa-se que nas novas propostas curriculares orientadas pelas concepções educativas dos organismos internacionais², sobretudo o Banco Mundial (BM) e o Fundo Mundial Internacional (FMI), a categoria cotidiano passa a ser assunto recorrente no chamado planejamento educacional, porém, de maneira geral, sem receber a devida atenção. Para sermos mais enfáticos, essa categoria, na maioria esmagadora dos casos – aqui as exceções apenas servem para reforçar a regra –, não chega sequer a ser ligeiramente conceitualizada. Como ilustração de tal fato, observa-se que é próprio dos atuais paradigmas educativos, o desprezo pela razão, a reflexão crítica, o aprofundamento filosófico dos temas em favor de uma suposta sociedade do conhecimento, preso à imediaticidade do cotidiano³.

A política educacional brasileira como palco refletor de tal artimanha mantém-se aprisionada aos limites do cotidiano, sem conseguir o alcance da reflexão exigida

para que se possa debater filosoficamente os problemas escolares. Nesse sentido, de maneira geral, são elaboradas publicações que apenas reproduzem a falta de aprofundamento sobre a raiz dos problemas escolares, encapsulados pela barreira do imediato.

Com esse cenário em foco, a presente comunicação pretende debater a categoria do cotidiano, abordando-a em suas linhas mais gerais. O livro *Estética I: La peculiaridad de lo estético*, de Georg Lukács – última obra escrita, acabada, revisada e publicada em vida pelo filósofo magiar – será o fio condutor desta investigação. O *Prólogo* e os dois primeiros capítulos da monumental *Estética* lukacsiana, respectivamente, *Los problemas del reflejo en la vida cotidiana* e *La desantropomorfización del reflejo en la ciencia*, serviram de base para este estudo. Seguiremos as indicações teórico-metodológicas desse filósofo, visto que é dos textos iniciais de seus apontamentos estéticos que ele retira as reflexões para desenvolver a caracterização geral desse modo de pensar. Portanto, desse diálogo, pretendemos extrair a base para discutir os princípios de como se formam os reflexos no cotidiano e como se diferenciam até atingirem as objetivações superiores como a ciência, a arte e a religião, por exemplo.

A escolha pelas orientações teórico-metodológicas de Lukács se justifica por sua base onto-histórica, ao considerar o cotidiano como começo e fim de toda atividade humana e, ao mesmo tempo, a partir da dialética do real, admitir que essa esfera da vida não se constitui em um limite absolutamente fechado ao desenvolvimento da humanidade. Ao contrário, a vida concreta diária do homem que “vive com os pés no chão” cobra dele a realização – em escalas cada vez mais complexas – de objetivações que contribuam com a reprodução social.

Nas análises mais críticas, é recorrente que há uma desvalorização do patrimônio econômico-cultural-ambiental concebido historicamente pelo homem. Essa desvalorização é visível nas pedagogias hegemônicas da atualidade que optam por uma concepção educacional voltada para a representação da ordem através da negação do conhecimento. Os chamados novos paradigmas educativos, embora o discurso sedutor que os defende diga o contrário, difundem a vigência permanente de um conhecimento mínimo que visa, principalmente, atender apenas o que solicita a imediatividade do mercado de trabalho capitalista.

Nossas considerações se embasam na compreensão de que qualquer nível de atividade humana deve pressupor o trabalho como categoria fundante. Portanto, compreendemos que a ontologia do ser social, certificada por Marx e resgatada por Lukács, permite-nos entender adequadamente a problemática da vida cotidiana. Ficará claro para o leitor a importância de optarmos pela ontologia marxiano-lukacsiana, visto que suas pesquisas genético-sistemáticas caminham até a gênese do cotidiano (fincada no trabalho) para, a partir desse ponto, entender a estrutura e a função da cotidianidade para a vida humana.

Trabalho e práxis: alguns elementos para se construir uma crítica do cotidiano

Situados na perspectiva de concentrar esforços em elaborar uma crítica para se compreender o cotidiano, anunciamos que dentro do marxismo, Georg Lukács, como registra Costa (2001), foi o teórico que trabalhou a temática do cotidiano, influenciando toda uma geração de pensadores. Na *Estética I*, Lukács entende a categoria cotidiano como o solo de rebatimentos das demais práxis sociais. No nosso entendimento, para que o autor chegasse a essa fina conclusão, teve que desenvolver grande esforço investigativo, dialogando com muitos outros pesquisadores e recorrendo, como é base para o marxismo clássico, à certificação teórico-metodológica indicada por Marx, que obriga a investigação partir do mais elaborado para, em seguida, procurar explicar o de menor elaboração: é da anatomia do homem que se entende a anatomia do macaco. Com isso, Lukács encontra a gênese e a estrutura da vida cotidiana no trabalho, o que lhe garante inferir sair desse campo o nascedouro das aspirações superiores da humanidade.

O trabalho situado no contexto do surgimento e desenvolvimento da sociedade capitalista adquire uma característica particular: além de produzir valor de uso, ele produz valor de troca. Nesse caso, ressaltamos o que Marx (1988, p. 48) apresentou como “duplo caráter do trabalho”, o qual possui um momento universal, de “objetividade-criadora”, e um momento particular e histórico, o trabalho assalariado e alienado da sociedade capitalista. Nesse processo, a dimensão criativa do trabalho não se perde, entretanto, é posta de lado, e permanece mediada

essencialmente pelo valor de troca.

Essa constatação precisa ser contextualizada perante as reflexões clássicas marxianas, segundo a qual são os homens que fazem sua própria história, mas não a realizam como desejam, isto é, não a fazem em circunstâncias escolhidas pelos próprios homens e sim submetidas diretamente pelo legado do contexto histórico-social. Precisamente assim problematizado, é que Lukács indica a existência do enriquecimento das atividades humanas, em consonância ao trabalho, a partir da cotidianidade conseguida por objetivações superiores, a exemplo da ciência, da arte, da religião, entre outros complexos. É por abarcar a maior parte da vida social, portanto, que o cotidiano é um campo de suma importância para a vida humana, valendo destacar que sua prática e reflexão necessitam de processos de objetivação. Para tanto é que referendamos ser primordial a alocação do trabalho como ato que constitui o ser social, bem como uma forma autêntica de objetivação. Sintetizando, ao demonstrarmos o trabalho como práxis produtiva, consideramos que as diversas mediações dele emergentes formam inegavelmente a base para a constituição do homem enquanto ser social. Daí, podermos inferir que, para a compreensão de qualquer nível de atividade humana, devemos pressupor o trabalho enquanto categoria fundante.

Diante do exposto, compreendemos que a base onto-histórica nos permite o adequado tratamento da categoria cotidiano como solo de rebatimento da práxis humana. Por ser a práxis social a base de todas as demais atividades humanas, o trabalho é também, além da ciência e da arte, uma forma privilegiada de objetivação capaz de suspender o homem de sua cotidianidade, pois por sua prioridade ontológica diante das demais atividades, já contém em si “uma tendência ao conhecimento”⁴, capaz de fundar todas as demais objetivações. Para além do atendimento das necessidades primárias do homem, o trabalho, enquanto práxis produtiva institui também as mediações e esferas sociais, além de possibilitar a objetivação de novas capacidades humanas, criando outras formas de práxis fundamentais para o estabelecimento das relações sociais, como a política, o direito, a ética, a estética, entre outras. Assim, devemos ter a clareza de que a práxis diz respeito às atividades voltadas para a autorrealização dos seres humanos como seres sociais, além de engendrar diferentes formas de interação entre eles.

A compreensão da dinâmica social e de suas múltiplas determinações não é constituída de maneira isolada e subjetiva. No entanto, surgem e fazem parte de um complexo singular articulado à objetividade inseparável da produção material e das formas de consciência produzidas pela práxis social.

Nesse sentido, as mediações são capacidades essenciais do homem, postas em movimento através de sua atividade vital e que não são dadas a ele simplesmente, mas conquistadas através do trabalho. Embora não se possa reduzir essas mediações, diretamente ao trabalho. Vale ressaltar, segundo Lessa, fundamentado em Lukács, que o trabalho é a forma originária do agir humano, todavia não se pode afirmar que todo ato humano seja redutível a ele. Ainda de acordo com esse autor, “sem o trabalho, porém, as inúmeras e variadas formas de atividade humano-social não poderiam sequer existir” (LESSA, 2012, p. 36).

Ao compreendermos o significado ontológico do trabalho como ato fundante do homem como ser social, podemos observar a constituição e o desenvolvimento das mediações, cada vez mais complexas, entre o homem e a natureza e entre os demais seres vivos, respondendo às necessidades sócio-históricas da humanidade.

No entendimento desta investigação, para que não sejamos mal-entendidos, o cotidiano é um movimento histórico que também, no contexto do alvorecer da vida social, apresenta-se de modo espontâneo. É categoria relevante, pois se compõe de atividades necessárias para a reprodução humana, além de se encontrar como solo comum para as objetivações superiores. É necessário deixar claro que não se trata de um discurso laudatório ao cotidiano. Ao contrário, é na cotidianidade que os problemas surgem de maneira imediata, sendo necessário atentarmos a submissão de “[...] uma crítica fundada no ser mesmo as manifestações mais elaboradas do ser social, precisa mobilizar constantemente esse método crítico também em relação à vida cotidiana.” (LUKÁCS, 2010, p. 69).

Reconhecemos, de acordo com o exame lukacsiano, o carecimento de estudos filosóficos acerca da teoria do cotidiano, mesmo sendo extremamente necessária para entendermos melhor a lógica da vida humana. Reiteramos que na perspectiva hegemônica, de modo geral, com raras exceções, as pesquisas que recaem sobre esse objeto, tendem a valorizar o cotidiano, passando ao largo de sua análise ontológica. O pensador húngaro considera que o ponto cardeal dessa

insuficiência reside no fato de que “[...] a vida cotidiana não conhece objetivações tão fechadas como a ciência e a arte.” (LUKÁCS, 1982, p. 39). A cotidianidade, para Lukács, exige objetivações, inclusive porquanto é na vida cotidiana que os complexos como a ciência, a arte, entre outros, vão se materializar para enriquecer a sociedade. A vida cotidiana se manifesta nos arquétipos do materialismo espontâneo pela própria objetividade que a constitui.

De acordo com Lukács, o materialismo filosófico nasce a um posterior nível de evolução: “é o intento de conceber todos os fenômenos a partir das leis da mudança da realidade independente da consciência” (LUKÁCS, 1982, p. 44). “Tudo flui como um rio”, assim ficou conhecido o famoso preceito do filósofo pré-socrático sobre o movimento do devir. Frederico considera essa analogia própria dos dialetas, pois “o cotidiano é visto como um rio em seu permanente fluxo, dentro do qual tudo se movimenta, se transforma, se espalha e retorna a seu leito” (FREDERICO, 2005, p. 111).

Lukács (1982) certifica que todo exame rigoroso necessita desvendar que o homem, situado na lógica de sua vida diária, contesta a sua realidade de modo prontamente materialista. Cabe o exemplo clássico, tantas vezes retomado por Lukács, aqui na entrevista concedida a Holz; Kofler e Abendroth (1969, p. 14):

Quando um automóvel vem ao meu encontro numa encruzilhada posso vê-lo como um fenômeno tecnológico, como um fenômeno sociológico, como um fenômeno relativo à filosofia da cultura, etc.; no entanto, o automóvel real é uma realidade, que poderá me atropelar ou não. [...] Mas o automóvel existente é, por assim dizer, sempre primário em relação ao ponto de vista sociológico a seu respeito, já que o automóvel andaria mesmo que eu não fizesse sociologia alguma sobre ele, ao passo que nenhum automóvel será posto em movimento a partir de uma sociologia do automóvel.

Sobre essa questão, o filósofo da Escola de Budapeste lembra que nem o mais fanático seguidor de Berkeley, quando atravessa uma rua e precisa se desviar de um carro, por exemplo, tem a impressão ou sensação de estar vendo o automóvel somente com as representações pessoais, mas como uma realidade que independe da consciência de quem atravessa a rua. Mesmo que assim não desejem os berkelyanos, Lukács (1982) lembra que o princípio *esse est percipi* desaparece sem deixar qualquer vestígio na vida cotidiana dos homens imediatamente ativos⁵.

O pensador húngaro destaca que nenhum ponto de vista, em especial a concepção idealista, consegue barrar a espontaneidade circunscrita na objetividade,

visto que o caráter específico da urgência da vida e do pensamento cotidianos, expressa-se nos moldes do materialismo espontâneo que é próprio dessa esfera. Para o autor, toda análise séria e igualmente isenta de preconceitos precisa mostrar que o homem da vida cotidiana se relaciona sempre aos objetos de seu entorno de um modo espontaneamente materialista, “independentemente de como se interpretam essas relações do sujeito da prática” (LUKÁCS, 1982, p. 46).

O cotidiano na ontologia de Lukács

Ancorados na compreensão do trabalho como atividade material humana transformadora da práxis do mundo e do próprio homem, nos deteremos um pouco mais na categorização dada ao cotidiano pelos clássicos do marxismo. Para isso, e entendendo a carência de estudos dessa categoria, como indica Lukács (1982), em sua grande *Estética*, tomaremos como base o estudo do esteta húngaro que se referindo à vida cotidiana, nos diz, metaforizando o clássico de Heráclito de Éfeso, o seguinte: se a cotidianidade fosse representada por um rio, poderíamos indicar que de suas águas se desprendem as suas formas superiores de recepção e reprodução da realidade como, por exemplo, a ciência e a arte. Nas palavras do filósofo:

[...] e essas se diferenciam e se constituem de acordo com suas finalidades específicas, e alcançam sua forma pura nessa especificidade – que nasce das necessidades da vida social – para logo, em consequência de seus efeitos, de sua influência na vida dos homens, desembocar novamente na correnteza da vida cotidiana. Essa, por sua vez, se enriquece constantemente com os resultados superiores do espírito humano, assimila-o as suas necessidades cotidianas práticas, dando assim lugar a questões e a exigências que originam ramificações de formas superiores de objetivação. (LUKÁCS, 1982, p. 11-12).

Neste sentido, Lukács (1982) afirma que ciência e arte se diferenciam do pensamento cotidiano dos homens como “formas superiores de objetivação”, entretanto, ambas refletem a mesma realidade. Ou seja, podemos considerá-las como formas de reflexos distintos, mas que têm na vida cotidiana seu momento determinante e, assim, como todas as demais objetivações do homem, estão nela inseridas. É o atendimento das necessidades impostas pela cotidianidade que “eleva” o pensamento do homem às objetivações superiores, mas estas sempre cumprem o caminho de volta, e retornam ao cotidiano alterando-o: enriquecendo-o.

Para melhorar a compreensão desse importante campo da ação humana, faremos uma breve contextualização histórica da teoria do cotidiano. Desse modo, ao visitarmos o pensamento do filósofo húngaro sobre as sociedades primitivas, verificamos que as primeiras sínteses conseguidas pelo homem, sobre seu entorno, apenas poderiam acontecer de forma espontânea. Lukács (1982) expõe que na condição inicial do ser social, aquela na qual o homem primitivo não produzia ainda suas ferramentas (estágio de hominização), o homem limitava-se apenas a tomar pedaços de paus, ou mesmo algumas pedras de determinadas formas para a utilização, seguindo algum fim guiado por alguma necessidade específica. Nessa situação, é possível perceber claramente que o homem já dispunha de um cotidiano espontâneo e material, agindo, destarte, de acordo com as necessidades diárias. Esse autor persiste afirmando que os homens primitivos, naquele momento com baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas, consideravam “[...] certas observações acerca das pedras, que por sua consistência, sua forma, etc. são adequadas para determinadas operações” (LUKÁCS, 1982, p. 47).

Com efeito, é compreensível o fato de que, no desenvolvimento e na prática das ações do homem imerso no cotidiano primitivo, já se consignava suas finalidades, mesmo que em baixo nível de objetivações. Ademais, a cotidianidade primitiva apresentava um desenvolvimento muito baixo das forças produtivas, criando uma dependência até mesmo aos fenômenos sobrenaturais. Logo, como indica o filósofo, inclusive quando aquela formação social atribui à observação de fenômenos materiais explicações de caráter alheio ao próprio homem, fazem-na com vivência, a esse nível de primitividade, de uma forma completamente materialista. Por esse motivo, esse materialismo é tão próximo da realidade mesma, com baixo nível de sistematização científica e filosófica, que é espontaneamente materialista. Portanto, mesmo nessa situação, o contexto desses indivíduos se dá na própria materialidade. O exemplo ilustrado pelo filósofo húngaro, relacionado a esse período evolutivo do homem, é bastante esclarecedor:

[...] o homem é mais ou menos consciente de que tem que atuar em um mundo externo que existe independentemente dele e que, portanto, tem que tentar entender e dominar o mais possível com o pensamento, mediante a observação, esse entorno que existe independentemente dele, com objetivo de poder existir, de poder subtrair os perigos que o ameaçam. Também o perigo, como categoria da vida interior humana, mostra que o sujeito é mais ou menos consciente de encontrar-se frente a um mundo externo independente de sua consciência. (LUKÁCS, 1982, p. 47).

O homem primitivo, como esclarecido, apresentava, já a esse nível, uma consciência basilar, entretanto teve que exercer funções imersas no seu cotidiano de maneira espontânea, relacionando-se aos elementos da prática, de todo modo, restritos. O filósofo húngaro sublinha que embora diversos pesquisadores da pré-história indiquem semelhanças entre os princípios da magia e o materialismo espontâneo, essa menção não tem validade, na medida em que a objetividade estabelecida no materialismo espontâneo supera o caráter emocional-evocativo proposto pela magia.

Quando o ser social deixa de ser nômade e torna-se sedentário, com a domesticação de animais e com a melhor compreensão sobre a natureza – o que lhe oportuniza aumentar a produção da agricultura, entre outros fatores –, há um crescimento, embora vagaroso, de certo desprendimento dos fenômenos naturais e o homem passa a exercer maior controle e domínio sobre a natureza. Certamente esse domínio, a esse nível da evolução humana, era ainda incipiente e decerto cambiante, pois como registra a historiografia confiável, nas sociedades primitivas e até nas escravistas, havia muitos entraves, entre esses, como enumera Lukács, a causa de tais limitações à base científica do reflexo desantropomorfizador da realidade “[...] tinha que ser desde o princípio estreita, sem a possibilidade social de uma ampliação resolvida” (LUKÁCS, 1982, p. 171).

Com a sociedade saindo do modo de produção primitivo para o modo de produção escravista, na qual o homem passa a dominar o outro homem, uma “racionalização científica do trabalho” ainda não é plenamente necessária. Sobre essa questão, Lukács (1982, p. 171) afirma:

Isto, por sua vez, tinha que impedir que as geniais generalizações dos primeiros estágios conseguissem se tornar férteis ao contato com fatos, conexões e normalidades particulares, penetrando nos detalhes da realidade objetiva, para poder se levantar até o nível de uma universalidade concreta, de uma ampla metodologia.

A economia escravista interrompeu uma interação abundante entre as atividades produzidas pelo homem e a ciência. Após esse período, sob inúmeros e diversos fatores que não podemos tocar aqui, foi somente a partir da Grécia antiga é que vai haver um alcance de uma nova metodologia do pensamento científico, um

novo tipo de reflexo da realidade, “[...] mediante o exercício, o costume, a tradição, etc., se torne no modo de comportamento humano geral e de funcionamento permanente.” (LUKÁCS, 1982, p. 148). Um progresso de experiências que resultaram em diversas ciências muito desenvolvidas, especialmente relacionadas à Matemática, à Geometria e à Astronomia; as quais, por razão de seus resultados, deveriam “[...] influir enriquecedoramente na vida cotidiana, permitiram uma influência também de seus métodos e até uma ação parcialmente transformadora dos mesmos sobre a prática cotidiana.” (LUKÁCS, 1982, p. 148).

Porém, esse avanço também foi contraditório na medida em que impossibilitou a generalização do método científico em forma de concepção de mundo, pois:

[...] se o método científico não se generaliza filosoficamente nem se coloca em contraposição com relação às concepções gerais mágicas e religiosas, insere-se nelas, com o que o efeito do progresso científico dos diversos campos especiais sobre a vida cotidiana será praticamente nulo. (LUKÁCS, 1982, p. 148).

Com a lenta e também contraditória evolução das forças produtivas, a Idade Média assiste ao desmoronamento da economia escravista. O que foi chamado pela história de “Idade das Trevas” deu lugar ao chamado Renascimento, envolto aos descobrimentos científicos e avanços filosóficos, cuja existência possibilitou finalmente uma nova reorientação em direção à cientificidade. Destarte, todo desenvolvimento técnico e tecnológico supõe também que haja alterações básicas na vida cotidiana, mas nesse caso, não se operou uma transformação radical na estrutura essencial da cotidianidade. Visto que, apesar do avanço científico posto na vida dos homens, isso não se concretizou como uma verdadeira transformação. Melhor, como sintetiza Lukács (1982, p. 212-213), não foi “[...] universal e completo, capaz de transformar profundamente a prática da vida cotidiana em ciência conscientemente aplicada”.

Apesar dessa contradição, a história é irreversível⁶. Não se pode negar o desenvolvimento das forças produtivas nesse dado momento da evolução humana. Todavia, a cotidianidade, pautada já na Idade Moderna, segundo Lukács (1982), foi propícia à dependência de fenômenos idealistas, religiosos, supersticiosos; porém não do mesmo modo que foi em tempos iniciais da origem do ser social. O estatuto moderno, e sobretudo o atual – contemporaneidade –, conferem um homem

submisso: “[...] com representações supersticiosas, sem que o grotesco dessa vinculação chegue a ser em absoluto consciente” (LUKÁCS, 1982, p. 49), isso porque tal anseio de acatamento místico, fundado no medo ou ignorância, acarreta a verificação de falsos deveres ou quimeras.

Assim, por exemplo, a superstição do homem moderno – que às vezes pode estar subjetivamente enraizada – frequentemente acompanhada uma má consciência intelectual, ou seja, com a consciência de que está tratando com um mero produto da consciência subjetiva, e não com uma realidade objetiva e de existência independente, de acordo com o materialismo espontâneo da cotidianidade. (LUKÁCS, 1982, p. 49).

Com base nesse quadro de superstição, por essas dependências estarem subjetivamente enraizadas, o que Lukács chama de “consciência subjetiva”, deixa de esclarecer importantes questões do pensamento humano. A vida cotidiana, perpassada pela sociabilidade capitalista, estabelece relações em que os conhecimentos tendem a estar firmados no subjetivismo, a consciência é apresentada como rainha absoluta e a existência como se estivesse aos pés daquela⁷.

Alguns autores contemporâneos, a exemplo dos que defendem a chamada pós-modernidade, alegam que a cotidianidade é determinada por uma nova espécie de irracionalismo, de mistificação da vida. Para Costa, a ausência de conhecimento, bem como a não valorização da origem e causalidade dos processos sociais advogam uma “[...] construção de explicações contraditórias sobre a vida cotidiana” (COSTA, 2001, p. 35). Com efeito, em tempos de “crise estrutural do capital”, Mézáros assevera que a indisciplinável lógica do capital tem sido vastamente inserida em todos os percalços da vida humana, desse modo, é necessário

[...] o rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados, e que tenham o mesmo espírito (MÉSZÁROS, 2008, p. 35).

O que temos é uma tendência de desvalorização do conhecimento universal, historicamente constituído, tendo em vista que, nas palavras de Costa (2004, p. 72):

[...] inicia-se o período de liquidação do materialismo e da dialética espontâneos dos representantes da fase ascensional da burguesia. Destaca-se cada vez mais a fuga da realidade, o ecletismo, a ideologia “pura”, o jogo dos conflitos formais, a mera reprodução dos fenômenos superficiais, a depravação das conquistas passadas, a oposição dogmática entre a vida e a teoria, a negação dos

problemas centrais da sociabilidade burguesa e do capitalismo, o que representa em última instância o domínio crescente da divisão capitalista do trabalho e a deformação do indivíduo.

Reconhecemos, ademais, a partir das palavras de Lukács (1982), que em um sistema de exploração, assim como é a sociabilidade regida pelo processo de produção capitalista, as formas de organização do trabalho e da produção são negadas ao trabalhador, uma vez elas que priorizam a acumulação de lucro em detrimento da satisfação das necessidades humanas. Logo, entendemos que o enriquecimento humano, seja intelectual, cultural, espiritual e material, próprio da humanidade, se faz necessária a máxima assimilação de tudo de melhor constituído pelo homem, a fim de tornar para si o próprio conhecimento.

A importância conferida ao cotidiano, por Lukács, segundo José Paulo Netto (1987, p. 65), não confere nenhum caráter “meta-histórico” à vida cotidiana, pois mesmo que a cotidianidade se imponha a toda sociedade, “em cada uma delas a estrutura da vida cotidiana é distinta quanto ao seu âmbito, aos seus ritmos e regularidades e aos comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos (grupos, classes, etc.)” A cotidianidade apresenta estrutura e categorias próprias, conforme comenta Costa, o processo de desenvolvimento do homem através do trabalho e da consequente complexificação de suas objetivações, “faz com que o cotidiano de cada sociedade, nos diferentes momentos históricos, tenha especificidades próprias, colocadas pela cultura, costumes e valores” (COSTA, 2001, p. 38).

É no cotidiano, na vida de todos os dias, das atividades rotineiras e habituais, onde o homem vive e se socializa, assimilando os costumes, valores e normas da sociedade que se realiza a inteireza da atividade social humana. Como espaço de produção e reprodução do homem como ser social, a vida cotidiana se estrutura a partir de alguns determinantes fundamentais intrínsecos no modo de agir de cada indivíduo. Para Lukács (1982), essas determinações estruturais da cotidianidade se expressam em três níveis: a heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade extensiva. De modo sucinto, podemos delinear que nessa esfera da vida coexistem distintos modos de objetivação do homem materializados em atividades que correspondem a processos e fenômenos *heterogêneos*, e muitas vezes até contraditórios. Porém, a consciência destes processos não vem à tona dos indivíduos imersos em seus processos diários, pois o dia a dia impõe aos sujeitos

que o vivem uma *imediaticidade* para responder às atividades necessárias à reprodução da vida e que, de uma forma ou de outra, acabam tornando-se parte da rotina de cada indivíduo. E esse agir cotidiano resulta de uma *superficialidade* extensiva, em que os indivíduos agem pragmaticamente sem uma necessária reflexão sobre as relações ou determinações de suas ações.

A característica essencial do ser e do pensar cotidianos é a vinculação imediata entre teoria e prática, em que “o sistema de mediações que os produzem são completamente apagados na sua imediaticidade” (LUKÁCS, 1982, p. 44), o que na compreensão lukacsiana faz parte da necessária economia da vida diária, que se baseia em seu “funcionamento prático e não em sua essência objetiva” (LUKÁCS, 1982, p. 44). Ao passo que o indivíduo permanece em sua vida cotidiana, agindo de um modo pragmático, imediatista e espontâneo, ao responder a dinâmica da reprodução de sua vida, de modo indireto também constrói e reproduz a sociedade. Entretanto, ocorre que nesse modo de agir superficialmente extensivo, o indivíduo não apreende de imediato a sua dimensão enquanto ser humano-genérico, percebendo-se apenas como um ser singular.

Podemos dizer que esse modo de agir dos indivíduos corresponde a um critério de utilidade necessário ao nível cotidiano da vida dos homens, possibilitando que os indivíduos respondam às situações diversas, sem uma reflexão criticamente consciente de seus atos, agindo pura e materialmente por seu espontaneísmo. Para Lukács (1982), a vida diária dá-se ao contrário de certa intensidade reflexiva. Em sua argumentação, caso permanecêssemos em constante reflexão sobre os vínculos e mediações dos processos e fenômenos sociais, tenderíamos a cair em uma “paralisia reflexiva”, que nos impediria de agir praticamente diante das circunstâncias.

Notas conclusivas

A reflexão sobre o cotidiano caracteriza-se como objeto de estudo para as ciências humano-sociais, pela necessidade de se entender a ação humana nesse campo, sendo relevante a articulação com a educação, dada a riqueza das mediações oriundas desse complexo social nos processos de agir, pensar e sentir. A

presente exposição, ciente dessa necessidade, considera a vida cotidiana como começo e fim de toda atividade humana, tomando-a como o nível mais imediato das objetivações do homem, mas a partir do qual se desenvolvem atividades mais complexas, a exemplo da ciência e da arte, que transcendem a esfera da imediaticidade e conduzem o conjunto humano ao desenvolvimento cada vez maior de sua genericidade.

Isto é, a vida cotidiana não é um limite absoluto ao desenvolvimento do gênero humano. Ao contrário, esse campo da ação humana exige o desenvolvimento de objetivações cada vez mais complexas para que a sociedade possa se reproduzir e se enriquecer. É através de uma atitude reflexiva diante de sua realidade objetiva, portanto, que o homem consegue suspender (soerguer) momentaneamente sua cotidianidade na perspectiva de compreender as causalidades dos fenômenos e suas determinações, superando, mesmo que momentaneamente, o imponente pragmatismo de suas ações nesse plano mais imediato da vida. Somente graças a esse ato de superação, elucida Lukács (1982), pode se abrir um caminho desde o materialismo espontâneo desse campo de vivência para o materialismo filosófico.

Resumindo, em decorrência das necessidades advindas dessa cotidianidade, o homem recorre às formas superiores de objetivação: seja na ciência ou na arte, para que possa, assim, retornar ao cotidiano de maneira enriquecida. A partir desse soerguer, propagam-se efeitos favoráveis à reprodução do ser social, o que certifica a transformação (enriquecimento) constante dessa esfera. As formas superiores de objetivação precisam dar respostas aos problemas nascidos na cotidianidade, e ao voltar a essa esfera, fazem-na mais ampla, mais ricamente diferenciada, com mais profundidade etc., levando-a, como escreve Lukács: “constantemente a superiores níveis de desenvolvimento” (LUKÁCS, 1982, p. 35). Tais objetivações superiores, ou suspensões, conforme sintetiza José Paulo Netto, permitem que o homem se torne “humano-genérico”, ou seja, a “dialética cotidianidade/suspensão é a dialética da processualidade da constituição e do desenvolvimento social.” (PAULO NETTO, 1987, p. 70).

A cotidianidade é ineliminável sob qualquer aspecto/contexto da vida dos homens, pois, como já sabemos, é nela que se estabelece o solo de rebatimento

para as objetivações elevadas. A importância dessa esfera, para Paulo Netto (1987, p. 65), se realiza, pois “[...] não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana”; o cotidiano não se desliga do contexto histórico, pois cada momento de disposição das sociedades permite suas particularidades.

Ao apresentarmos essa crítica, baseada na ontologia marxiano-lukacsiana, pretendemos enfatizar como a esfera da cotidianidade é enriquecida pelo trabalho e pelas objetivações superiores da vida humana como as aspirações artísticas, científicas, éticas etc. Com este artigo, julgamos contribuir para posicionar melhor o debate sobre a importância dessa esfera na sociedade. De modo algum, nosso exame se direciona no sentido de desqualificar esse campo da vida humana; ao contrário, como deve ter ficado claro, atribuímos ao cotidiano o valor ontológico retirado dessa categoria pelas publicações e discursos que pretendem esvaziar ao máximo a capacidade, também ontológica, que a escola carrega de contribuir com uma humanidade plena de sentidos. Rigorosamente, esta pesquisa procurou demonstrar o equívoco que é propor para a educação sistematizada o rebaixamento simplista e acrítico aos conhecimentos que o estudante retira de sua vida cotidiana.

Através do debate lukacsiano sobre a categoria cotidiano, nossa pesquisa quer enfatizar energicamente a importância de se valorizar os conhecimentos que o estudante traz consigo de seu dia para a escola. No entanto, como o complexo educativo tem a função social de garantir o acesso para as gerações futuras de todo conhecimento acumulado pela humanidade, a escola não pode ficar presa aos modismos pedagógicos de ocasião e abrir mão de levar para o chão da sala de aula toda a riqueza material, espiritual ou ambiental, que o trabalho do ser social produziu ao longo da história humana.

Referências

- COSTA, Frederico. *Elementos de compreensão do pensamento pós-moderno: o irracionalismo como subproduto da crise do capital*. In: JIMENEZ, Susana Vasconcelos;
- RABELO, Jackline (Org.). *Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da História*. Fortaleza: Brasil Tropical, 2004.

COSTA, Lucia Cortes da. *A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento lukacsiano*. *Emancipação*, v. 1, n. 1, p. 33-57, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/22/19>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Brasília: UNESCO, 2010.

DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados, 1996.

DUARTE, Newton. *As pedagogias do "aprender a aprender" e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento*. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2001, n.18, p. 35-40. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000300004>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

FREDERICO, Celso. *Marx, Lukács: a arte na perspectiva ontológica*. Natal: EDUFRN, 2005.

HOLANDA, M. N. A. B. *Cotidiano e conhecimento*. In: BERTOLDO EDNA; MOREIRA, LUCIANO A. L.; JIMENEZ, SUZANA (Org.). *Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. p. 163-173.

HOLZ, Hans Heinz; KOFER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LESSA, Sérgio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LUKÁCS, Georg. *Estética 1: La peculiaridad de lo estético*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1982.

_____. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O capital: Livro I*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1988.

_____. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

PAULO NETTO, Jose. *Para a crítica da vida cotidiana*. In: FALCÃO, Maria do Carmo B. de Carvalho. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 1987.

ROSSLER, João Henrique. *O desenvolvimento do Psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de*

Agnes Heller. *Caderno CEDES*, v. 24, n. 62, p. 3-4, abr. 2004.

SILVA, Vandeí Pinto da. Cotidiano e filosofia no ensino médio: mediações. *Educação em Revista*, Marília, v. 12, n. 1, p. 125-138, jan./jun. 2011.

SMITH, Plínio Junqueira. Berkeley: o princípio esse est percipi como crítica ao materialismo e garantia do mundo físico. *Revista Integração*, São Paulo, n. 56. jan./fev./mar. 2009.

Submetido em 19/04/2014, aprovado em 11-12-2015.

¹ Consultar Mészáros (2002).

² Podemos comprovar tal inferência no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI: Educação, um tesouro a descobrir, organizado pelo político francês Jacques Delors. Este documento traz como princípio os quatro pilares da educação, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser; os quais coadunam com uma perspectiva, como afirma Duarte (2001) de capacidade para lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano.

³ Para maiores aprofundamentos sobre a temática, sugerimos visitar o professor Vandeí Pinto da Silva (2011), que apresentou relevante contribuição à discussão sobre a relação entre o cotidiano e a filosofia no ensino médio, tendo como base as pesquisas de Agnes Heller, atualizando alguns aspectos importantes sobre o estado da arte desse tema. Celso Frederico (2005) é outro autor que debateu o cotidiano, baseado em Lukács. A proposta do ensaio de Lucia Cortes da Costa (2001) também discute sobre esse tema, tendo como suporte as reflexões do esteta húngaro. Esse mesmo caminho foi seguido por Maria Norma A. B. de Holanda (2012), ao relacionar o cotidiano ao conhecimento. Por fim, entre alguns outros autores que debatem essa temática, na perspectiva do marxismo, nossa revista bibliográfica visitou José Paulo Netto (1987). Apoiados nos estudos de Agnes Heller sobre vida cotidiana, Duarte (1996) articula o debate entre a educação escolar, teoria do cotidiano e a Escola de Vigotski. Rossler (2004), por sua vez, discute com propriedade o desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana.

⁴ “Os homens, atuando por reação e com finalidades imediatas na vida cotidiana em geral e sobretudo em seus estágios primitivos, produzem uma instrumentação material e intelectual que leva em si mais do que os homens têm posto imediata e conscientemente nela; as ações imediatas dos homens agitam então esse complexo instrumental de tal modo que o que nele estava antes implícito se faz explícito, e as ações vão mais além do diretamente desejado” (LUKÁCS, 1982, p. 65).

⁵ O princípio *esse est percipi* (ser é ser percebido), proposto por George Berkeley, é a grande novidade introduzida na filosofia por esse pensador. Berkeley pretendia desconstruir o materialismo e pôr em seu lugar a doutrina do imaterialismo. Segundo o idealismo do filósofo irlandês, o imaterialismo explicaria melhor a realidade do mundo (SMITH, 2009).

⁶ A irreversibilidade da história humana é uma tese cara ao marxismo. Lukács (2010) se ocupou alongadamente em sua comprovação sistemática no *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*.

⁷ Vale acompanhar a discussão que o filósofo húngaro faz com o neo-positivismo e o neo-existencialismo, novamente nos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, em que as perspectivas filosóficas passam a abreviar as pesquisas à “[...] um compêndio puramente prático, meramente eficiente, das pesquisas singulares, como uma metodologia inteiramente subordinada a elas” (LUKÁCS, 2010, p. 140).